

# Técnica reúne países de língua portuguesa

no. 101

set. '87

p. 4

*Cadernos do Terceiro Mundo*

□ As Segundas Jornadas de Engenharia dos Países de Língua Oficial Portuguesa reuniram, no final de abril, no Rio de Janeiro, representantes de Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe para debater assuntos relacionados com telecomunicações, recursos naturais, saneamento básico, indústria e desenvolvimento.

"Essas Jornadas de Engenharia aglutinam o que há de maior interesse na engenharia dos sete países de língua portuguesa, que se reúnem para trocar experiências, buscando a realização de tarefas prioritárias de desenvolvimento social e tecnologia apropriada a cada região", disse o coordenador-geral do

evento, Mauro Viegas. Ele ainda assinalou que esse tipo de encontro sempre envolve troca e prestação de serviços, de país a país.

A existência de problemas semelhantes nos sete países de língua portuguesa é reconhecida como base do encontro, que permite troca de experiência útil a cada participante.

O engenheiro português Luiz Guimaraens Lobato destaca que "os sete países têm estrutura sócio-econômica muito semelhante e as tecnologias de que necessitam têm, igualmente, grande semelhança – rodovias, estradas de ferro, habitação, novas indústrias etc. – na escala de cada país".

Realizadas em clima de muita euforia e conversação, as Segundas Jornadas serviram para constatar que, se por um lado a engenharia do Brasil e Portugal vão bem – apesar dos paradoxais 45 mil engenheiros brasileiros desempregados –, do lado africano a realidade revela-se um pouco mais complexa. Ela envolve reminiscências de um passado colonial ainda recente, guerras de libertação nacional, sucessivos ataques fronteiriços (em Angola e Moçambique), fome e analfabetismo generalizados.

"O tipo de colonização da Guiné-Bissau foi baseado nos capatazes e na monocultura do amendoim", explica o secretário de Recursos Naturais da Guiné-Bissau, João Gomes Cardoso, acrescentando que, "com a guerra, houve a destruição dos diques e, em 74, veio a crise do petróleo. Além disso, vivemos a falta de quadros e de recursos financeiros".

"Para nós, as Jornadas são importantes porque são uma forma de aprender com os outros países e, depois, conseguir que se faça a transferência de conhecimento que não ocorreu antes da independência", diz o chefe da delegação moçambicana, António Casimiro.

Para Moçambique, o fundamental é a transferência de tecnologia. "Estamos procurando substituir as exportações dos produtos acabados. A agricultura é o setor de maior atenção. Depois, o industrial e serviços", acrescenta o moçambicano, que denunciou em plenário a situação de guerra e desestabilização provocada pela África do Sul em seu país.